

O Uso do Sistema Visuo-Gráfico *SignWriting* para o suporte da leitura em língua portuguesa como segunda língua para surdos

The Using of the Visuo-Graphic SignWriting System to Support Portuguese Reading as a Second Language for the Deafs

Leoni Ramos Souza Nascimento¹
Edivaldo da Silva Costa²
Magno Prado Gama Prates³

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo a análise do desenvolvimento da leitura e escrita da Língua Portuguesa como segunda língua concomitante com a Escrita da Língua de Sinais, por meio do Sistema *SignWriting*, no curso de Língua Portuguesa para surdos adultos. A análise pautou-se em uma Pesquisa Ação, de caráter investigativo, com uma abordagem qualitativa. O corpus constituiu-se em atividades laborais de leitura, interpretação e produção textual, a partir de recortes de duas obras da literatura surda, fomentando a leitura e compreensão textual, na qual, por meio do *SignWriting*, oportunizou aos surdos a análise da estrutura semântico-sintática das duas línguas; e de dois questionários aplicados com o intuito de conhecer o perfil dos envolvidos e analisar a aplicabilidade do método. A presente pesquisa dialoga sobre a forma que sujeitos surdos, tornam-se leitores surdos, recriando, interpretando, contextualizando suas imaginações a partir da leitura. Os resultados apontados até agora indicam que o método forneceu leitura, compreensão e interpretação de narrativas em Língua Portuguesa e produção escrita da língua majoritária.

Palavras-Chave: Bilinguismo; Escrita de Sinais; Linguística Aplicada.

Abstract: This research aimed to analyze the development of reading and writing of the Portuguese Language as a second language concurrent with Sign Language Writing, through the SignWriting System, in the Portuguese Language course for deaf adults. The analysis was based on an Investigative Action Research, with a qualitative approach. The corpus constituted working activities of reading, interpretation and textual production, based on clippings of two works of deaf literature, promoting reading and textual comprehension, in which, through SignWriting, it enabled the deaf to analyze the structure semantic-syntactic of the two languages; and two questionnaires applied in order to know the profile of those involved and analyze the applicability of the method. This research dialogues about the way that deaf subjects become deaf readers, recreating, interpreting, contextualizing their imaginations from reading. The results pointed so far indicate that the method provided reading, comprehension and interpretation of narratives in Portuguese Language and written production of the majority language.

Keywords: Bilingualism; SingWriting; Applied Linguistics.

Introdução

Esta pesquisa apresenta uma discussão sobre a prática da leitura em Língua Portuguesa como Segunda Língua para surdos (LP/L2), pelo viés metodológico que contempla a Língua de Sinais como Primeira Língua (L1),

¹ Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Departamento Acadêmico de Língua Brasileira de Sinais (UNIR-DLIBRAS).

² Professor da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras Libras (DELI).

³ Professor de libras da Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Língua Brasileira de Sinais (UNIR-DLIBRAS)

subsidiando práticas de leitura e produção textual na Segunda Língua (L2), através da Escrita da Língua de Sinais/*SignWriting* (ELS/SW).

A aplicabilidade metodológica torna-se relevante devido ao vício de linguagem, no contexto bilíngue entre falantes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa (LP), conhecido como Português-sinalizado, ser comum em aprendizes de uma língua alvo, tanto surdos como ouvintes. A inclusão de conteúdos didáticos e a praticidade são índices para desconstrução desse vício de linguagem.

É notório que, pautando os conteúdos numa abordagem de ensino em Primeira Língua (L1), a realidade do ensino de LP/L2 perpassa por professores que não tiveram experiência e formação para tal, acarretando em fracassos educacionais no ensino de uma L2. Desse modo, esse tipo de estratégia de linguagem nenhum sentido se constrói a partir de enunciados literalmente transpostos para outra língua e tampouco para uma língua visuoespacial.

A referida pesquisa centraliza-se na leitura e produção textual em Língua Portuguesa como Segunda Língua (LP/L2), para surdos adultos, impulsionando o aprendizado da L2, analisando a estrutura sintática da LP e da ELS/SW, através de trechos de dois livros que compõem a Literatura Surda, *A Rapunzel Surda* (HESSEL; KARNOOP; ROSA, 2003) e *Negrinho e Solimões* (MONTEIRO, 2014). Essas obras apresentam dois tipos de escrita, a Língua Portuguesa (LP) e a Escrita de Língua de Sinais/*SignWriting* (ELS/SW), acompanhadas de imagens.

A escolha das obras motivou-se apenas devido ao intuito de tornar equânime o esforço que um leitor-surdo precisa para leitura e compreensão textual e pelo fato dos assuntos abordados fazerem parte do cotidiano cultural dos surdos em não submeter-se ao olhar clínico e patológico da surdez, e por fornecer uma grande importância na construção social, política e linguística da pessoa surda.

A pesquisa foi aplicada com o viés da pesquisa-ação, com abordagem qualitativa e investigativa, tendo como base teórica Barbier (2007, p.15) que explica que dentro dessa perspectiva, o pesquisador entende que sua própria vida social e afetiva está presente na sua pesquisa sociológica e que o previsto

está no coração da sua prática. Para execução da pesquisa, foram ministradas aulas de LP/L2 e ELS/SW, com carga horária total de 3h/semanais, no período de fevereiro a julho de 2017, totalizando sessenta horas.

Tratando-se de um sistema de escrita completamente novo para os participantes, alguns julgavam impossível se desenvolver em LP, concomitante com a ELS/SW. Julgavam-se incapazes e afirmavam que poderia atrapalhar a progressão, se essa escrita servisse de apoio para o desenvolvimento da leitura em LP/L2.

Por meio do diálogo, respeitando as singularidades locais, elucidamos o porquê do valor da ELS/SW ser difundida nos dias atuais para a comunidade surda, e como ela pode atingir um nível de compreensão significativa no processo de aquisição de uma L2. À medida em que eram ofertadas atividades de cunho interpretativo, ligadas à leitura de textos em LP, trechos dos textos eram expostos com recortes dos trechos em SW, e nesse contraste, era possível inferir regras básicas da ELS/SW, assim aumentava-se o vocabulário e a técnica de contextualização e interpretação.

Adotou-se, durante a pesquisa, o seguinte planejamento: (1a) estímulo à leitura e interpretação de texto em LP, (1b) solicitação de leitura coletiva do texto; (1c) troca de ideias com os colegas; (1d) contextualização em Libras e vocabulário, (1e) exercícios, discussões com os alunos, possíveis inferências, metáforas, Português-sinalizado, expressões idiomáticas.

Diversos recortes de textos acompanhados com imagens foram distribuídos e um envelope no qual haviam letras do alfabeto latino cortadas. O intuito concentrava-se na observação e na leitura do texto em LP, e, em seguida, os espaços vazios do texto deveriam ser complementados com o entendimento individual de cada um, formando palavras a partir das letras encontradas no envelope. De acordo com Paulino et al. (2001), o ponto de partida é a confiança depositada na escola enquanto espaço propício para o exercício e a valorização da leitura.

No segundo momento foram introduzidas atividades com estratégias de leitura e compreensão de textos em ELS/SW, evidenciando os: (2a) grafemas

básicos de configuração de mão, (2b) grafemas⁴ básicos de setas de movimentos, (2c) plano parede e plano chão, (2d) vocabulários em Libras, (2e), atividades práticas. Nessa etapa, como os participantes nunca tinham tido contato com o sistema de escrita de sinais, foi fornecida uma atividade básica para estimular a habilidade de escrita do alfabeto manual em escrita de sinais.

Aplicou-se uma atividade na qual os participantes precisavam associar seis sentenças em português com seis em ELS/SW. Para tal aplicação, antes fizemos uma apresentação dos grafemas básicos a serem vistos nesta atividade, posteriormente, apresentou-se as seis sentenças corrigidas e o vocabulário em Libras. O terceiro momento teve como objetivo selecionar textos que trouxessem subsídios e fornecessem um sentido lógico do papel de pesquisador naquele espaço.

Conforme dito anteriormente, de acordo com os dois livros utilizados, o primeiro foi a “Rapunzel Surda”, no qual utilizamos os seguintes critérios metodológicos: 3 (a) distribuição do trecho da história da “Rapunzel Surda”, (3b) apresentação da metodologia, (3c) apresentação da história em L1, (3d) contextualizando a história em L2 e em L1/SW, (3e) vocabulário, (3f) exercícios de fixação.

Aponta-se que a forma que o leitor-surdo utiliza para aproximar a construção de sentidos esperada pelo leitor-ouvinte jamais será equivalente, no entanto, isso não os torna incapazes. Segundo Paulino et al. (2001), é no âmbito do ensino que pode-se dar o estímulo à leitura, porque o ler pertence ao educar. Nesse enfoque, a ELS/SW serve como matéria-prima útil para constituição da aprendizagem textual em L2.

Paulino et al. (2001) apontam que a leitura pode ser ocupação prática, quando se trata de decodificar material que circula por escrito. O quarto momento foi atribuído ao segundo livro, “Negrinho e Solimões (MONTEIRO, 2014): (4a) distribuição do primeiro material, (4b) apresentação do material, (4c) leitura individual em escrita de sinais, (4d) discussões e inferências, (4e) leitura coletiva em escrita de sinais, (4f), leitura, produção e interpretação de texto em L2, (4g) exercícios de fixação em L1/L2/SW, (4h) vocabulário.

⁴ Grafemas são as partes ou elementos que compõem os sinais escritos (BARRETO; BARRETO, 2015).

Neste contexto, os participantes apresentavam avanço na leitura em ELS. Porém, pedagogicamente, era preciso uma estratégia que servisse como base para observar o nível de leitura que havia sido adquirido pelos envolvidos. Sabemos que a leitura provoca reações diferentes, não há unicidade entre os leitores, e os textos requerem atitudes diferentes e exclusivas por parte do leitor. Segundo Paulino et al. (2001), torna-se imprescindível que a individualidade se apresente, impondo e sendo capaz de interpretar.

Todavia, como ao lado dos textos a ELS/SW estava impressa, fazia-se então a leitura do texto de forma coletiva e os envolvidos percebiam a economia que existia entre a leitura que eles tentavam fazer em LP/L2, desconstruindo a ideia de equivalência entre as línguas.

A forma como as palavras são organizadas podem mudar o sentido das sentenças, tornando conflituosa a compreensão textual para o interlocutor aprendiz em contato recente L2. A partir da descoberta da diferença bilíngue ao interpretar textos, os participantes perceberam a relevância que a ELS/SW tem para a compreensão textual. Contudo, a partir do avanço nas leituras, os participantes puderam atribuir respostas coesas às questões aplicadas em diversas atividades. Nesse intuito, para a discussão dos dados, foram elaborados questionários ao final do curso, e foram criadas tabelas para tabular os índices que apontavam o desempenho dos participantes após as aulas.

Para tal, elaborou-se seis tabelas, com questões diversificadas, com base nos questionários. A tabela 1 questionava se os participantes conseguiam interpretar textos em LP antes do curso e quais eram os motivos; a tabela 2 questionava a aplicabilidade do método em inserir a ELS/SW, se essa junção tornou-se útil para aprendizagem em LP/L2; a tabela 3 consistia em coletar informações a respeito do que os envolvidos na pesquisa achavam da ELS/SW, sobretudo, buscava entender se havia tido um avanço na leitura, interpretação e compreensão textual em LP durante o curso; a tabela 4 apresentava um texto em ELS/SW e buscava dados referentes à leitura, compreensão em ELS/SW e a produção textual em LP/L2; a tabela 5 traz um recorte do trecho do texto em LP de uma das obras para que os participantes interpretassem e respondessem em LP/L2; por fim, a última tabela, também trouxe um recorte em LP de uma

das obras, e pedia que os participantes argumentassem, a partir das inferências, o que haviam concluído a partir da leitura.

O questionário destinado a coletar o perfil censitário dos informantes surdos era composto pelos seguintes itens: formação acadêmica, comunicação em Libras com os familiares, fluência em Libras como L1, fluência na leitura e produção de textos em LP e o nível de fluência em ELS/SW após a execução do curso.

Práticas de Alfabetização e Letramento

Tornar-se letrado, em dias atuais, configura-se em uma necessidade de nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e escrita, ultrapassando esses níveis e correlacionando com o processo de alfabetização. Nesse ínterim, o domínio da leitura e escrita, como práticas sociais, torna-se um mecanismo de sobrevivência dentro do contexto social. Entende-se que alfabetizar vai além do ato de ensinar, ou seja, descentralizar meios que ressignifiquem o processo de ensino/aprendizagem, tornando o ato de alfabetização muito mais que ensinar a codificar e decodificar (SOARES, 2004, p. 97).

Diante do exposto, compreende-se que letramento configura uma consequência da prática e do uso da escrita em contextos sociais em que a leitura e a escrita mobilizam tal ação. Soares (2004) aponta que, ainda que distintos, alfabetização e letramento são dois processos indissociáveis e interdependentes. No entanto, quando se trata do ensino/aprendizagem dos surdos, essa inserção ao mundo das letras deve ser em séries iniciais, para que o hábito de ler e escrever não seja um fardo, e sim um prazer.

Soares (2004) aponta que a alfabetização está relacionada com a aquisição do sistema convencional de escrita e no caso do letramento, relaciona-se com o desenvolvimento de habilidades e uso da leitura e escrita. Nesse bojo, isso implica que, os surdos, diante de um processo de ensino/aprendizagem que não contemple sua singularidade, são excluídos. Para Lacerda (1998), é comum aprendizes surdos concluírem a escolarização

básica e não terem o domínio necessário dos conteúdos interdisciplinar à cada série, influenciando diretamente no não domínio da leitura e da escrita. Fernandes (2015):

[...] Observa-se que, apesar dos esforços por parte das professoras para um atendimento individualizado (buscando posicionar-se melhor em sala, falar pausadamente ao se dirigir aos alunos surdos), quando comparadas ao restante da turma, essas crianças acabam ficando em desvantagem em relação aos conteúdos desenvolvidos, devido à falta de uma língua em comum para o estabelecimento de diálogos (FERNANDES, 2015, p. 34).

Considera-se como processos interdependentes e indissociáveis mecanismos que aprimoram a leitura, práticas que sejam fornecidas e desenvolvidas nos contextos sociais, e exploram atividades de leituras, narrativas, produções textuais, tendo como pressuposto a visão de mundo que os surdos têm. Segundo Fernandes (2015), os surdos têm direito à acessibilidade da língua majoritária na modalidade escrita, para que as relações sociais sejam efetivadas, rompendo a relação de dependência com terceiros, e, segundo a autora, os conhecimentos adquiridos historicamente são efetivados, em grande parte, pelo registro escrito.

Para Marcuschi (2009), o ensino da LP, seja no ensino fundamental ou médio, não tem sido eficaz. De acordo com o autor, a desatualização de metodologias que tenha haver com a época vivida, tem sido um dos pontos para o fracasso, além da falta de incorporação de conhecimentos teóricos da língua disponíveis hoje.

Dessa forma, tendo o letramento visual (Libras/L1), leitores surdos terão base linguística para entender, compreender e produzir sentenças em Português escrito. Logo, a curiosidade em determinados conceitos farão com que seu campo semântico e sintático se amplie, possibilitando um crescimento interdisciplinar.

As políticas educacionais mobilizam o acesso de todas as pessoas que necessitam de educação especial de qualidade. No contexto da Educação Especial²⁸, a integração das pessoas consideradas deficientes requer algumas

implicações. No caso dos surdos, sobretudo, a questão comunicacional se faz necessária uma atenção maior.

Para Machado (2008) a Educação Especial sustentava-se na concepção de que a formação das pessoas com alguma “enfermidade” deveria se orientar no sentido de prepará-los para viver em sociedade. Quando o trabalho pedagógico é substituído por ações terapêuticas, com intuito de reabilitação, o envolvido acaba tendo poucas oportunidades de acesso ao conhecimento.

Souza e Góes (1999, p. 181) salientam que a despatologização na pedagogia tem favorecido a inclusão/integração dos chamados portadores de necessidades especiais. De acordo com Paulino et al. (2001), faz-se necessário estabelecer a confiança no espaço em que os indivíduos são expostos ao processo de ensino/aprendizagem. À medida que incluímos também excluímos, quando não oferecemos um ensino pautado na alteridade, nos colocando no lugar do outro.

De acordo com Quadros (2003), a educação deve estar calcada em um plano que atenda às diferenças sociais, políticas, linguísticas e culturais. Porém, em se tratando do aluno surdo, incluído/integrado em contextos educacionais pluri/multicultural, Skliar (1998) problematiza o conceito de normalidade que há nas representações dominantes, hegemônicas e ouvintista na forma que tratam a surdez e invisibilizando os surdos.

Numa sociedade que exige aperfeiçoamento diário, forçando as pessoas a dedicarem tempo para ressignificar atitudes e posturas, tendem a marginalizar os que não se adaptam à sincronização. Contudo, a situação se agrava para os que não ouvem, principalmente por não haver uma língua que acessibilize a relação comum entre o professor e o aluno (MACHADO, 2008).

Apesar da disparidade que há entre a continuidade dos que ouvem, desenvolvendo-se cognitivamente em um ambiente propício à linguagem, os surdos têm também condições de se tornar letrados nessa sociedade “inclusiva”. A leitura de textos normalmente traz como pretensão, por parte dos leitores, uma busca por explicações de palavras, de conhecimento de mundo e de si. De acordo com Petit (2009), quando nos debruçamos aos diferentes tipos

de textos, talvez procuramos algo desconhecido que se apresenta para nós como uma ponte para coisas escondidas.

O leitor-surdo constrói e reconstrói contextos lidos, a partir da L1, compreendendo a leitura em LP/L2, possibilitando a inserção no universo literário. Petit (2009) diz que do nascimento à velhice, busca-se sempre os ecos do que se vive de forma tortuosa, confusa, e que muitas vezes se pode revelar e se transformar, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase.

Nestes parâmetros, é necessário que haja uma liberdade textual, para que a impressão do leitor seja garantida, uma vez que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e, ainda mais, o jogo não deve ser entendido como uma distração, e sim como um trabalho pelo qual evapora qualquer padecimento (BARTHES, 2004, p. 29). Muitas indagações pairam nesse contexto, por isso deve-se pensar como esses indivíduos são expostos e cobrados a uma forma de expressão desconexa com seu modo de ler o mundo. Na perspectiva de Barthes (2004), a leitura seria o gesto do corpo que, com o mesmo movimento internaliza e interioriza a ordem textual.

O primeiro passo é tentar entender como são formados no ceio familiar esses indivíduos, para depois analisarmos se esse ambiente propicia ou não uma aquisição da linguagem que favoreça uma leitura gradativa. O ambiente familiar é o início para que a aquisição se manifeste. E dentro desse contexto os pais podem ser ouvintes que usam língua de sinais ou não; um dos pais pode ser surdo ou os dois podem ser surdos; ainda pode ser que dentro do contexto familiar exista mais algum surdo ou não.

Desconstruir mitos e ideias errôneas acerca dos que não ouvem se faz necessário. Comparar surdos com ouvintes são atitudes injustas que, no contexto educacional, lançam-se por falta de conhecimento do universo linguístico e cultural dos surdos. Ter acesso ao conhecimento é um direito de todos e um dever da escola.

Língua Portuguesa como L2 para Surdos

Tornar usuários de Língua de Sinais, uma língua de modalidade visual e espacial, aptos para aquisição de uma língua oral, na modalidade escrita, é um

desafio. Observa-se que a grande dificuldade dos que lidam com essa demanda não se restringe à forma peculiar de interagir na comunicação, mas também pela dificuldade de tornar significável uma língua alvo que se fundamenta no som.

Garantido por Lei (BRASIL, 2002), o ensino da Língua Portuguesa (LP) deve ser ofertado a aprendizes surdos, na modalidade escrita. Ao pensar a respeito do ensino de LP como segunda língua para surdos (LP/L2), surge a questão: seria mais viável o ensino da gramática ou do texto? Marcuschi (2009) aponta que é um erro achar que há uma divisão. Segundo o autor, não dá para desvincular, pois ao produzir um texto fazem-se necessários conhecimentos gramaticais.

Numa sociedade cada vez mais informatizada, espera-se que as pessoas acompanhem essa linha crescente. Todavia, sabe-se que no contexto descrito, os surdos não tem acesso aos conhecimentos por meio da Libras, sua língua materna, e a ideia de que o ensino de LP/L2 implica em traduzir palavras da L1 para a L2 é errônea e desconexa. Ao contrário disso, “implica dominar também suas (dos itens lexicais) propriedades gramaticais como o gênero ou a regência e as relações semânticas entre itens relacionados, sejam elas paradigmáticas ou sintagmáticas” (GRANIER, 2014, p. 2).

Marcuschi (2009) salienta que as línguas não são semanticamente transparentes, pois não se esgotam no código semiolinguístico, e que os sentidos nelas gerados são opacos, por não estarem semanticamente especificado. Fernandes (2015) aponta que O surdo precisa aprender a ler e a escrever em uma língua na qual não domina a fala.

Nesse enfoque, a base linguística em Libras (L1), serve para o indivíduo internalizar conhecimentos, despertando no aprendiz o sucesso esperado na aquisição do conhecimento epistemológico numa dada língua. Pois caso contrário, o aprendizado da L2 por surdos, sem base na L1 (Libras), será um desserviço. Para Peixoto (2006, p. 209):

A condição de segunda língua que o Português tem na vida do surdo promove nesse sujeito um estranhamento semelhante ao que nós, ouvintes, temos quando nos deparamos com uma língua estrangeira. Interpretar ou produzir uma escrita estranha à própria língua confronta nossa organização de linguagem e nosso conhecimento gramatical, exigindo uma produção de novas significações que só conseguiremos construir tendo como base a nossa língua materna.

Ressalta-se também que, o ensino de LP/L2 não é apenas uma transcrição de uma modalidade de língua para outra, caso fosse, tratar-se-ia apenas de uma tradução literal. Decerto, Marcuschi (2009) especifica que, semanticamente, o ensino de língua deve causar efeito no aprendiz e não torna-la opaca.

O Desafio de Ensinar Língua Portuguesa e Escrita de Sinais para Surdos

De acordo com Higounet (2003), a escrita disciplina o pensamento e ao, transcrevê-lo, o organiza, dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada e permite apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o tempo e o espaço. Para que haja escrita, é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido. A aquisição do simbolismo e esquematismo é operado através de uma série de processos de significação da linguagem. Independente da cultura, a língua imprime na escrita informações sobre o aparecimento da linguagem, elementos das palavras, sua origem, suas práticas culturais.

Para a pesquisa, foram utilizadas questões, acompanhadas de gráficos para identificar a aplicabilidade do método, no entanto, apresentaremos dois dos dados obtidos nos gráficos (NASCIMENTO, 2018, p. 87). Na primeira questão do questionário aplicado na pesquisa, os envolvidos eram de diferentes níveis de escolaridades e o maior índice apontado, 55%, demonstraram que os informantes já tinham habilidades para leitura e interpretação em Língua Portuguesa escrita e um índice de 37% para os que não possuíam habilidades.

O maior índice se deve ao fato que os alunos surdos conseguiram sanar progressivamente as deficiências cognitivas, inerentes à leitura, e com isso interpretar e ler textos em LP e em ELS. Através do ato de ler e interpretar

textos nas aulas, os alunos conseguiam compreender, sanando as lacunas cognitivas e desenvolviam-se a partir das atividades que evocavam o processo de ensino/aprendizagem em LP como Segunda Língua (LP/L2).

Para Perlin e Stumpf (2012) o fato da LS não ser ensinada na modalidade escrita, e, muitas vezes a LP ser usada como forma escrita da Língua de Sinais, faz com que a oralidade cause um confronto linguístico, tanto para surdos, quanto para pessoas ouvintes, aprendizes de Língua de Sinais (LS). O vício de linguagem em incorporar na língua majoritária a estrutura sintática da LS, originando o Português-sinalizado, torna conflituoso compreender, no processo de aprendizagem da língua alvo, a forma semântico-sintática de ambas as línguas.

O maior índice de 55% aponta que foi oportunizado a esses participantes o conhecimento de leitura e compreensão da Língua Portuguesa (LP), como práticas multi/pluri/interdisciplinar, corroborando em prática docente, por meio de um método que contempla as peculiaridades linguística-cultural dos participantes. Verificou - se que se em um ambiente linguístico, e, sobretudo inclusivo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como Primeira Língua (L1), não servir como base linguística para aquisição dos conhecimentos específicos numa língua alvo (L2), será um desserviço ao aluno, pois, de acordo com o gráfico da primeira questão, 2,8% dos envolvidos não souberam responder a pergunta devido ao fato de não serem fluentes em Libras, apesar de serem surdos e estarem num curso, cuja língua de instrução era a Libras.

Em muitos casos o surdo lê, mas devido ao costume em ler palavras de forma isolada, não consideram o contexto ao qual estão inseridas. Em suma, fazendo a tradução literal em LS. A leitura não pode ser só decifração, mas deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito (CAGLIARI, 1989). “A maioria das escolas onde há inclusão possuem professores cuja formação desconhecem a cultura surda, pois em nada entendem da necessidade de experiência visual do surdo” (MIRANDA; PERLIN, 2011, p. 104).

Para Coulmas (2014), línguas hegemônicas tendem a cobrir todo o espectro de funções, desde o mais informal e íntimo até o mais formal e oficial.

Os surdos, como minoria linguística e inserida num cenário que impõe Política Linguística, se veem desassistidos. Atualmente muitos surdos estão inseridos em contextos inclusivos na contemporaneidade, dos quais o ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua (LP/L2) é aplicado de forma irregular, de maneira insolúvel, acarretando problemas na formação acadêmica.

Tais práticas resultam em exclusão, tornando o prazer na leitura algo inexistente na vida da maioria dos surdos. Os índices apontados no terceiro gráfico (NASCIMENTO, 2018, p. 95) revelam um percentual de 82% para os que afirmam que o método favorece a leitura em ELS/SW no processo da aprendizagem da Língua Portuguesa como L2 e um percentual de 58% afirmando que o método forneceu subsídios para produção textual na língua majoritária (LP).

Identificou-se que o método utilizando a Escrita da Língua de Sinais, por meio do sistema *SignWriting* (ELS/SW), teve alto índice, totalizando 82%. Tal índice aponta como o sistema de escrita reforça a aprendizagem da LP como Segunda Língua (LP/L2), uma relação de interlíngua que até então os aprendizes utilizavam na forma de Português-sinalizado.

O maior índice demonstra o avanço dos participantes no curso, comprovando a aplicabilidade do método para a leitura e interpretação de textos em LP/L2. Em consequência, desse modo, de acordo com Cagliari (1989), a escrita se diferencia de outras formas de representação de mundo, não só porque induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada pelo prazer de compreender e interpretar o que está escrito.

Petit (2009) afirma que a leitura ajuda a construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. Nesse sentido, a interpretação e a produção textual em LP, confirma o valor do método, quando aplicado dentro de uma abordagem de ensino bilíngue de LP/L2 para surdos. Para Barreto e Barreto (2015), ao ensinar técnicas inovadoras e altamente eficazes de estudo, a ELS/SW fornece subsídios para os que buscam formas de atrair os que não ouvem à língua oral auditiva (LP/L2). “A função social da leitura e da escrita precisa sentir a necessidade e o prazer de ler e escrever, fato que raramente se observa entre crianças, jovens e adultos surdos” (SILVA, 2009, p. 54).

O resultado dessa avaliação é importante, quanto ao método aplicado, pois traz mecanismos para aprimorar o ensino e a aprendizagem dos surdos numa L2. E porque, diante de um cenário inclusivo, onde pairam muitas incertezas, tanto do lado dos professores, quanto dos lados dos alunos, o Surdo se vê como fracassado, dentro de um contexto mascarado, como afirma Stumpf (2008), muitas vezes há uma boa teoria, no entanto, por fruto de uma prática incoerente, professores não conseguem aplicar um ensino de LP/L2 coerente à determinadas minorias linguísticas, refletindo-se num mau desempenho, ainda que a “alfabetização em LS” torne o aprendizado de uma L2 mais viável aos surdos como minoria (GANGEL-VASQUEZ, 1997).

Considerações Finais

Com pouco mais de vinte anos de pesquisas no Brasil, o *SignWriting* (SW) tem conquistado um importante espaço no contexto educacional das pessoas surdas. Desde a sua difusão em 1996, por pesquisadores no sul do país, como método de aquisição para conhecimentos linguísticos em Libras, esse sistema tem trazido resultados positivos em diversas áreas dos Estudos Surdos. Stumpf (2005); Zappe (2010); Wanderley (2012); Dallan (2012); Barreto e Barreto (2015) e Bózoli, (2015).

Durante anos, julgavam que os que não ouvem, não possuíam língua, logo, essa minoria, “sem língua”, era dependente de uma língua majoritária, e a forma inconsequente que expuseram os surdos à aquisição de uma língua oral auditiva acarretou em anos de exclusão linguística. É comum a associação de metodologias de ensino de línguas que não integram os surdos em sua plenitude, por conseguinte, a presente pesquisa busca dialogar, com base na Linguística Aplicada, meios consistentes que incluem a Língua de Sinais no processo integração social, política, linguística e cultural da pessoa surda.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios*. 2ª edição. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BRASIL, *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002* dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais 2002. Brasília: MEC, 2002.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BÓZOLI, D. M. F. *Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos*. Dissertação de mestrado em Educação. Maringá: UEM, 2015.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo, Scipione, 1989.
- COULMAS, Florian. *Escrita e sociedade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DALLAN, M. S. S. *Análise discursiva dos estudos surdos em educação: a questão da escrita de sinais*. Dissertação de mestrado Educação. Itatiba: USF, 2012.
- FERNANDES, Sueli. *Letramento na educação bilíngue para surdos*. In: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C.M.; MASSI, G. (Orgs.). *Letramento: referências sem saúde e educação*. São Paulo: Plexus, 2015.
- GANGEL-VASQUEZ, J. *Literacy in Nicaraguan Sign language: Assessing "Written Sign" Recognition Skills at the Escuelita de Bluefields*. Master's Degree Thesis. Dominguez Hills, California States University, 1997..
- GRANIER, D. M. *O Ensino de Português como L1 e como L2*. In: SOUZA, S. L. (Org.). *O Ensino de Língua Portuguesa na Contemporaneidade em Diferentes Perspectivas*. Curitiba: CRV, 2014.
- HESEL C.; KARNOOP, L.; ROSA, F. *Rapunzel Surda*. Canoas – RS: Ed: ULBRA, 2003.
- HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- LACERDA, Cristina B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos Cedes* 46, Campinas: UNICAMP; Campinas: Papyrus, v.46, p. 6880, 1998.
- MACHADO, P. C. *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- MARCUCHI, Luis A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MIRANDA, Wilson; PERLIN, Gladis. *A performatividade em educação de surdos*. In: SÁ, Nídia R. L. *Surdos: qual escola?* – Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.
- MONTEIRO, T. S. *Negrinho e Solimões*. Manaus: BK Editora, 2014.
- NASCIMENTO, L. R. S. *O SignWriting como suporte para o desenvolvimento na leitura em Língua Portuguesa como segunda língua*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Letras. UNIR. Porto Velho, 2018.
- PAULINO, G. et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da **RE-UNIR**, v. 6, nº 2, p. 89- 104, 2019.

- escrita pela criança surda. *Cadernos Cedes*, Campinas: UNICAMP; Campinas: Papyrus, v. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006.
- PERLIN, Gladis. STUMPF, Marianne. *Um olhar sobre nós*. Leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CR, 2012.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.
- QUADROS, R. M. *Inclusão/Exclusão: situando as diferenças na educação de surdos*. Porto Alegre. 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOARES, M. B.. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. 26ª reunião anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2004.
- SOUZA, R. M. de; GÓES, M. C. R. de. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para surdos*. 1v. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. Tese de doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre, UFRGS, 2005.
- _____. Mudanças estruturais para uma inclusão ética. In: QUADROS, Ronice. *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
- SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- WANDERLEY, D. C. *Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos na educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. Dissertação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.
- ZAPPE, C. T. *Escrita da língua de sinais nas comunidades do Orkut: marcador cultural na educação bilíngue*. Dissertação de mestrado em Educação. Santa Maria: UFSM, 2010.